

Charles Bukowski  
Os cães ladram facas  
[ANTOLOGIA POÉTICA]



## Um acontecimento<sup>1</sup>

Bukowski é sem dúvida um dos poetas mais populares e mais citados nos últimos cinquenta anos. Favorito das redes sociais, nas quais o eco truncado da sua vastíssima obra circula sob a forma de *memes* de teor mais ou menos motivacional, os excertos de poesia ou de prosa de Bukowski aparecem lado a lado com citações de Stephen Hawking, Mahatma Gandhi ou Kurt Cobain. Com onze colectâneas de poesia póstumas, a fama e actualidade de Bukowski não parecem ter sido beliscadas pela erosão temporal a que a literatura está sujeita. Pelo contrário, o número de leitores da sua obra não cessa de crescer e Bukowski é provavelmente um dos poetas mais lidos, mais incompreendidos e mais caricaturados deste início de século XXI.

Henry Charles Bukowski nasce em 1920 em Andernach, uma pequena cidade alemã do estado de Renânia-Palatinado. Filho de um sargento germano-americano, Heinrich Bukowski, que se instala na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial, para a qual fora destacado, e de Katharina Fett, irmã de um amigo deste, Heinrich Karl Bukowski – nome de baptismo – viveu na sua terra natal apenas três anos. O desemprego e a hiperinflação que assolaram a Alemanha pós-guerra obrigaram Heinrich (Henry) a tomar a decisão de regressar aos Estados Unidos, em 1923, em busca de melhores condições de vida. À época, a América comportava a ideia do sonho americano e era, para os muitos milhares de imigrantes europeus que nela aportavam com sonhos de prosperidade, a visão do Eldorado.

<sup>1</sup> «A happening», título de um poema presente em Charles Bukowski, *The night torn mad with footsteps*, ECCO, 2001.

Henry não podia prever que, apenas seis anos depois de chegarem, a Grande Depressão de 1929 transformaria os Estados Unidos num deserto de oportunidades e de empregos, remetendo milhões de americanos para situações de pobreza que nunca tinham experienciado ou de que já não se lembravam. O pai de Bukowski, desempregado e deprimido, insistia ainda assim em manter as aparências e saía todos os dias de manhã com o carro, regressando pelas cinco da tarde, fingindo ainda trabalhar como engenheiro. Tal merecia de Charles um profundo desprezo, que terá contribuído em algum grau para a falta de apreço pelas aparências e convenções sociais que exibiu vida fora.

Pouco tempo após a chegada a Baltimore, mudaram-se para Los Angeles, cidade que Henry e o pai, Leonard Bukowski, já conheciam e na qual tinham trabalhado. A infância de Bukowski, amplamente vertida em verso e em prosa pelo próprio, não terá sido nunca fácil. O sotaque que adquirira nos primeiros anos de vida, em Andernach, e as roupas com que a mãe o vestia faziam dele uma presa fácil para a já de si pouco criteriosa crueldade infantil. Tímido e introvertido, Bukowski não tinha amigos nem as competências sociais necessárias para suprir a imagem de inadequação que o acompanhava. Para além disso, o pai, a pretexto de tudo e nada, sovava-o indiscriminadamente. A mãe nada fazia para o evitar e Bukowski, preso num enclave entre um ambiente exterior hostil e um ambiente interior violento, conheceu da infância somente a noite e as suas criaturas.

Certa vez, após a família se ter mudado para uma casa maior, Bukowski pensou ter conseguido finalmente saborear o que poderia ser uma infância normal. Beneficiando de ser o miúdo novo no bairro e de já não ser o miúdo novo na América, Bukowski fez alguns amigos e entretinha-se aos fins-de-semana a jogar futebol com eles. Henry, no entanto, não apreciava sobremaneira a recém-adquirida alegria infantil do filho.

Henry e Katharina passavam sábado e domingo a limpar meticulosamente a casa e o pai obrigava o filho a aparar a relva. Bukowski achava que um relvado daquela dimensão diminuta tomaria pouco do seu tempo de brincadeira com as outras crianças, mas o pai obrigava-o a cuidar da relva com uma precisão de *manicure*. A altura do relvado tinha de ser tão uniforme que nem uma erva podia ser mais alta do que as restantes. Após muitas horas de trabalho, o pai de Bukowski vinha inspeccionar o resultado e, quando encontrava uma erva que destoava em altura das outras, exibia-a como se de um troféu se tratasse.

Para piorar a situação, a puberdade presenteou Bukowski com uma acne tão grave que este teve de se ausentar seis meses da escola para a tratar. A acne acabaria por passar, mas deixou-lhe marcas profundas na cara e na percepção de si próprio. Bukowski passaria a evitar os espelhos e, das poucas vezes de que se munia da coragem para os enfrentar, acabaria por falar de si e da experiência de ver o seu reflexo como se do avistamento indesejado de um monstro se tratasse. A única parte do seu corpo de que falava com orgulho eram as pernas. «Look at my legs, baby»<sup>1</sup>, repetia seminu em frente a Jane Baker ou a uma qualquer amante de ocasião, «I've got great legs»<sup>2</sup>.

O resto da história é relativamente conhecida. Bukowski descobre o álcool e, passado pouco tempo, sai da casa dos pais, entregando-se à vida errática e dissoluta que plasma com rude honestidade em verso e prosa. De fábrica em fábrica, de mulher em mulher, de cidade em cidade e de ressaca em ressaca, o mito, homem e obra acabam por confluir e mesclar-se de tal modo que se tornam indistinguíveis. Das muitas histórias de que se compõe a incrível biografia de Bukowski, só dez por cento são mentira, como diria Manoel de Barros. E Bukowski em nada contribuiu para desmistificar algumas

<sup>1</sup> «Olha para as minhas pernas, amor.»

<sup>2</sup> «Tenho umas pernas fantásticas.»

delas. Pelo contrário. O que sempre lhe interessou foi o tom, a forma, e não a tão implacável como estéril adequação factual. E, quando lemos os livros de Bukowski e a sua biografia, nada parece inverosímil ou inadequado. Porque, se não aconteceu, podia ter acontecido.

Bukowski foi um escritor prolífico. Em vida publicou onze volumes de poesia, fora as inúmeras *plaquettes* dadas a conhecer por editoras obscuras e as centenas de poemas dispersos por revistas literárias independentes um pouco por todo o país. Deixou ainda uma generosa gaveta de inéditos de onde a Black Sparrow Press, entretanto adquirida, em 2002, pela Harper-Collins/ECCO, ainda extraiu, com alguma displicência editorial (há volumes de inéditos nos quais se repetem poemas de livros publicados em vida), mais onze livros de poesia. Como o próprio Bukowski terá confessado ao amigo poeta e editor da revista de poesia *The New York Quarterly*, William Packard, «Um período de seca, para mim, corresponde a passar duas ou três noites sem escrever»<sup>1</sup>.

Se atentarmos aos temas que compõem a obra de Bukowski e que são consideravelmente reduzidos – as mulheres, o hipódromo e as apostas, o álcool, o operariado e as fábricas, a infância, a escrita e os outros escritores, a violência –, a quantidade de poemas escritos sobre cada uma dessas categorias – mesmo que as dividamos progressivamente até chegarmos às suas componentes fundamentais – é de facto tão avassaladora como impressionante.

Um dos motivos pelos quais Bukowski não parece de todo preocupado em abordar repetidamente os mesmos temas é o carácter salvífico que a sua escrita encerra para o próprio. Como escreve num poema publicado postumamente:

<sup>1</sup> «A dry period for me means perhaps going two or three nights without writing», in Russel Harrison, *Against the american dream*, Black Sparrow Press, 1998.

*poesia é o que acontece  
quando nada mais  
pode.*<sup>1</sup>

A poesia (e a escrita em geral) é primeiramente, para Charles Bukowski, uma forma de redenção do mundo, um lugar seguro onde as regras e os valores da sociedade dos homens não se aplicam, um local impoluto no qual demiurgo e criação divergem ou se encontram, mesmo que por vezes apenas tangencialmente. Socialmente inepto, alcoólico, incapaz de tirar qualquer prazer de uma vida normal que incluía uma profissão e uma família convencionais, profundamente marcado, na cara e na personalidade, pela infância que não o destruiu por um triz, Bukowski encontra na escrita mais do que uma vocação, no sentido contemporâneo e pobrezinho do termo – ao jeito dos testes vocacionais da escola e dos departamentos de recursos humanos –, pois esta constitui-se como o único modo positivo de o sujeito afirmar a sua ipseidade e de resistir a um mundo no qual a singularidade e o pensamento próprios são inconveniências marginalizáveis.

No poema «uma para o caminho»<sup>2</sup>, Bukowski introduz Sócrates como personagem e imagina-o existindo nesta sociedade contemporânea. Não somente ele seria apenas mais um bêbedo de bar, postula – ainda que muito mais interessante do que os restantes bêbedos –, como até a glória da certeza de estar do lado certo – mesmo que isso lhe tenha custado a vida – lhe seria retirada. A sociedade contemporânea e as suas estruturas imensamente confusas são capazes de destituir qualquer homem da sua individualidade e das suas certezas. Pelo que estar do lado certo, quase sempre, é estar do lado dos loucos,

<sup>1</sup> «Poetry is what happens / when nothing else / can», Charles Bukowski, «Writing», in *The flash of lightning behind the Mountain*, ECCO, 2004.

<sup>2</sup> «One for the road», Charles Bukowski, in *The night torn mad with footsteps*, ECCO, 2001.

dos alienados e daqueles que procuram pelo álcool ou pelas drogas uma forma de estar no mundo sem o estar, pois é certamente nessa orla de gente resolutamente à parte que é possível encontrar o génio. Seja este a figura de Sócrates ou do próprio Bukowski.

A escrita como resistência, como alicerce possível de sanidade, é o motor da produção torrencial de Bukowski. Dado o tom confessional que muitas vezes assume, constitui-se como uma espécie de diário. Como qualquer diário, a sua diversidade e riqueza dependem, na sua maior parte, das vivências do próprio. E, como já mencionámos, apesar de Bukowski ter tido uma vida intensa, a todos os níveis, esta não era propriamente variada.

Os múltiplos poemas que Bukowski escreve sobre o mesmo tema constituem-se, de certo modo, como uma espécie de aproximação fenomenológica. Cada situação, personagem ou objecto é encarado como uma entidade prismática capaz de inúmeras adombrações possíveis, i.e., de múltiplas perspectivas passíveis de descrição. Este *modus operandi* pode ser, a espaços, desmotivante para o leitor, que se vê repetidamente confrontado com mais um poema sobre o álcool, sobre corridas de cavalos ou sobre mulheres. E, embora o estilo de escrita se vá tornando cada vez mais refinado, a verdade é que Bukowski e a sua poesia ganhariam em qualidade e relevância se o poeta e o seu editor da Black Sparrow Press, John Martin, tivessem sido mais espartanos na quantidade de poemas que publicaram. Para quem tem como tarefa escolher os mais relevantes para organizar uma antologia, no entanto, a quantidade só se torna um problema se confrontada com prazos editoriais insensatos. De resto, é até uma vantagem haver uma uniformidade de temas. Um sujeito não sente o peso de ter de escolher poemas com base em critérios como fase ou estilo, e não está sujeito a falhar pela sobre- ou sub-representação destes. Haverá felizmente outros motivos para criticar a selecção feita, porque Bukowski, mesmo que involuntariamente, facilitou em muito a tarefa

daquele que empreende uma organização antológica da sua obra poética.

O estilo de escrita de Bukowski ter-lhe-á merecido tantas críticas como elogios. A sua poesia inicial, nos anos cinquenta e sessenta, embora anuncie a forma que lhe granjeará a fama obtida décadas mais tarde, ainda procura um veículo de expressão adequado. Oscilando por vezes entre o surrealismo e o confessionalismo, entre a austeridade lexical e a profusão de adornos, a construção dos poemas desta fase de descoberta revela a vontade do jovem poeta – falamos de experiência, e não de idade – em exhibir tanto quanto possível o seu cardápio de habilidades literárias. Usa com frequência a metáfora e não recusa a adjetivação, enquanto, mais tarde, a sua figura de estilo preferida será a metonímia e os adjectivos serão reduzidos a um mínimo indispensável. A linguagem, essa, torna-se cada vez mais directa e menos lírica. Inspirado no Hemingway que devorou na juventude, Bukowski recusa a complexificação que diz encontrar, quase sempre e quase sempre gratuitamente, na maior parte da poesia. À pirotecnia preferirá a justeza; ao substantivo, o verbo, normalmente de acção; ao verso, a frase. A sua poesia da maturidade assentará sobretudo numa aparente simplicidade construtiva aliada a uma imensa liberdade formal. Bukowski não tem um formato preferido no que concerne o verso. Optando sempre pelo verso branco, alguns são curtíssimos, quase telegráficos, e outros alongam-se grandemente. Não parece haver qualquer tipo de programa estético regendo a escrita dos seus poemas. Para os seus detractores, sobretudo no meio académico, essa liberdade era não uma escolha mas uma consequência de os poemas de Bukowski não serem, de todo, poemas, mas conjuntos mais ou menos organizados de tiradas chocantes e banais. Bukowski levou muito tempo a ser aceite pela academia. A haver um programa estético, aliás, este poderia definir-se como antiacademismo. Bukowski nunca quis entrar na academia. Pelo contrário, quis rebentar com ela.



A repulsa pela autoridade e pelo poder decorrente da agremiação não ficava somente pela academia. A autoridade, fosse a do pai, a das convenções sociais ou a do modo de vida americano e do seu ideal, merecia-lhe sempre um desprezo incondicional, que ressoa em quase todos os seus escritos. Esta componente de revolta e o seu correlato biográfico – a vida desregrada que quase sempre levou – é provavelmente aquilo que mais apelou e ainda apela aos leitores de Bukowski. É o *punk avant la lettre*, antes de Patti Smith ou dos Sex Pistols, e as suas leituras públicas em nada se assemelhavam ao típico sarau de poesia, digno e edificante. Pelo contrário. Bukowski, muito mais tímido do que se poderia deduzir pela sua poesia e prosa, entrava frequentemente embriagado em palco – mais do que o costume e muito para além da conta – e a sessão acabava muitas vezes com trocas de insultos entre poeta e público. Este convénio implícito de amor-ódio entre Bukowski e o seu público, pontuado pela poesia do autor, apologética do excesso e a espaços escatológica, fazia com que as leituras se assemelhassem mais a concertos *hardcore* do que a qualquer sessão de leitura.

Se, de Hemingway e William Carlos Williams, Bukowski pediu emprestadas linguagem e forma, é em Dostoiévski que encontramos a origem da *persona* dos escritos poéticos e de Chinaski, o alter-ego ficcional de Bukowski na prosa. O anti-herói dostoiévskiano<sup>1</sup>, sublimado maximamente no Raskolnikov de *Crime e Castigo* e no narrador anónimo dos *Cadernos do Subterrâneo*, é o arquétipo através do qual Bukowski se exprime na sua radical honestidade. O poeta descreve-se frequentemente em termos muito pouco lisonjeiros: bêbedo, monstruosamente feio, repleto de buracos de cigarros na roupa, a espaços incapaz de compreender quem o rodeia e de ser aceite, a espaços copiosamente sovado num bar, às vezes cobarde, a ser repreendido pelas amantes mais jovens por não limpar adequadamente o rabo e deixar nódoas nos lençóis, incapaz de gestos de bondade

<sup>1</sup> Bukowski leu avidamente Dostoiévski na juventude.

e sofrendo desde muito de cedo de um hemorroidal quase tão grave como a acne que o desfigurou.

Esta postura de um radical auto-escrutínio é o que o distingue dos confessionalistas. Ao rebentar com as fronteiras do que é admissível enquanto tema poético, Bukowski não somente obriga a uma reflexão sobre o que pode ser, de facto, poesia, como a influi de tudo quanto é humano, sem qualquer cuidado programático que não a honestidade. Como o próprio escreve, no poema «para alguns amigos»,

*demorei 15 anos a humanizar a poesia  
mas vai ser preciso mais do que eu  
para se humanizar a humanidade.*<sup>1</sup>

Esta preocupação *humanitária*, num sentido particular e profundamente bukowskiano, está enraizada na sua origem social e nas companhias de que escolheu rodear-se em vida. Sempre olhou com suspeição para o «homem de sucesso», i.e., o «empreendedor», se quisermos usar um correlato contemporâneo. Não só recusa liminarmente a equivalência capitalista de conseguimento e merecimento, como vê na figura do homem de sucesso um ardil bem engendrado para manter milhões de mulheres e homens na escravidão moderna chamada trabalho. A sociedade capitalista, acenando com a cenoura do empreendedor e dos seus sucessos, cria a fantasia colectiva de que qualquer um pode chegar onde quiser, desde que se esforce o suficiente. E Bukowski, tendo passado por largas dezenas de trabalhos servis dos quais nunca retirou nada senão humilhações várias e trocos para cerveja e cigarros, tem a noção claríssima do engodo a que todos ou quase todos estamos sujeitos.

<sup>1</sup> «it took me 15 years to humanize poetry / but it's going to take more than me / to humanize humanity», Charles Bukowski, «For some friends», in *Open all night*, ECCO, 2000.

Esta posição classista faz de Bukowski o mais antiamericano de todos os poetas. Tal não infere que Bukowski tenha qualquer aversão ao dinheiro e ao conforto que este acarreta. Bukowski, aliás, despreza o movimento *hippie* e a filosofia comunitária e de abnegação que este propõe. Gosta do conforto material e elogia-o profusamente em muitos dos seus poemas. O que recusa, outrossim, é o caminho publicitado para lá chegar, o trilho idílico onde a bonança cai do céu sobre as mãos dos trabalhadores esforçados como uma chuvada de Verão. Essa desconfiança estende-se igualmente aos *beats* contemporâneos de Bukowski, quase todos eles provenientes de boas famílias e frequentando as Ivy Leagues da vida. Bukowski torce o nariz a essa poesia desprovida de cicatrizes e de calos nas mãos e, justa ou injustamente, considera-a supérflua na forma e estéril no conteúdo. Ocupação de meninos mimados, não nos seria difícil imaginá-lo dizer.

Importa ainda referir um dos aspectos mais discutidos da poesia e da prosa de Bukowski, a saber, as mulheres e a forma como este as representa. A acusação de misoginia que recai sobre o poeta é amplamente consensual e merecida. Bukowski, de facto, objectifica as mulheres ao modo da caricatura. São funções na vida dele: lavam roupa, fazem comida e dão vazão aos seus desejos sexuais. O poema «a mulher para um homem»<sup>1</sup>, presente nesta antologia, é talvez um dos exemplos máximos deste modo peculiar de desumanização da mulher que Bukowski leva a cabo, quando as reduz a meras funções no âmbito da vida prática. A perspectiva do autor, porém, vai mudando ao longo da vida, e não tão subtilmente assim. Vai-se tornando mais complexa, mais próxima da mulher real e particular do que da mulher abstracta e caricatural. E, ainda que nunca tenha sido generoso no trato que lhes dispensou, tanto na vida como na escrita, não se pode dizer que a mulher tenha sido um alvo

<sup>1</sup> «man's woman», Charles Bukowski, in *Mockingbird wish me luck*, Black Sparrow Press, 1972.

específico da fúria misantrópica de Bukowski. Na verdade, o autor não parece poupar ninguém à acidez da sua pena: nem os pais, nem os patrões (figura de paternidade que se vai reencontrando vida fora), nem os professores, os polícias, os restantes autores e o mundo literário, os leitores e, para não cair em contradição, ele próprio. Na verdade, Bukowski não parece capaz de arrastar ninguém para um buraco onde ele mesmo não tenha já estado. Nisso – atrevemo-nos a dizer –, se não é justo, é coerente.

Subsiste alguma polémica em redor das publicações póstumas da Black Sparrow Press/HarperCollins/ECCO. Ao que tudo indica, muitos poemas de Bukowski publicados após a morte do autor terão sofrido modificações consideráveis à mão do editor, John Martin. Ao que alguns chamam «edição», inúmeros leitores, com acesso aos manuscritos, chamam «traição». Embora não seja este o espaço ou o formato próprios para dirimir os argumentos a favor e contra ambas as posições, achámos relevante alertar o leitor para a possibilidade de estar prestes a ler, pelo menos em parte, poemas que não correspondem à integralidade da intenção do autor.

Para finalizar, uma nota sobre a organização antológica dos poemas. Tentámos respeitar o modo como o autor ordenou os seus escritos em vida, i.e., cronológico-tematicamente. Para os livros publicados em vida, não foi difícil divisar uma estrutura adequada. Nos restantes livros, os póstumos, desprovidos de indicações cronológicas, fizemos o possível por arranjar-lhes posições apropriadas. O fortúnio ou infortúnio dessa escolha é da nossa inteira responsabilidade.

Uma nota ainda para as versões, tão imprevistas como adequadas, da tradutora, Rosalina Marshall, a quem endereçamos um mais que merecido agradecimento e a nossa admiração.

VALÉRIO ROMÃO

## o milagre

Trabalhar com uma forma de arte  
não significa  
mandriar como uma ténia  
de barriga cheia,  
nem justifica grandeza  
ou ganância, nem seriedade  
a toda a hora, creio antes  
que é um apelo aos melhores homens  
nos seus melhores momentos,  
e quando eles morrem  
e outra coisa não morre,  
assistimos ao milagre da imortalidade:  
homens que chegaram como homens  
partiram como deuses –  
deuses que sabemos que aqui estiveram,  
deuses que agora nos permitem continuar  
quando tudo o mais nos diz para parar.

## a ratazana

com um murro aos 16 anos e meio,  
dei cabo do meu pai,  
um cabrão suado e cruel com mau hálito,  
e não voltei a casa durante uns tempos, só de vez  
em quando  
para cravar um dólar à minha  
querida mamã.

era 1937 em Los Angeles e era uma Viena  
do caraças.

eu andava com gajos mais velhos  
mas para eles ia dar ao mesmo:  
respiravam golfadas de ar pesado  
roubavam bombas de gasolina sem dinheiro  
e alguns sortudos de entre nós  
trabalhavam em part-time para a Western Union  
como estafetas.

dormíamos em quartos para arrendar desocupados –  
e bebíamos cerveja e vinho  
de persianas corridas  
muito quietinhos quietinhos  
e depois acordávamos o prédio todo  
com uma cena de pancadaria  
de partir espelhos e cadeiras e candeeiros  
e depois corríamos escada abaixo  
mesmo antes de a polícia aparecer

alguns de nós soldados do futuro  
a correr pelas ruas vazias e esfaimadas e pelos becos de  
Los Angeles

encontrávamo-nos mais tarde  
no quarto do Pete  
um pequeno cubículo debaixo de umas escadas, ali  
estávamos,

apinhados  
sem mulheres  
sem cigarros  
sem nada para beber,  
enquanto os ricos apalpavam as suas inúmeras  
possibilidades e as raparigas  
os deixavam,  
as mesmas raparigas que cuspiam nas nossas sombras  
quando passávamos.

era uma Viena  
do caraças.

3 de nós debaixo daquelas escadas  
foram mortos na II Guerra Mundial.

outro é agora gestor de uma  
empresa de colchões.

eu? 30 anos mais velho,  
a cidade é 4 ou 5 vezes maior  
mas tão merdosa como dantes  
e as raparigas ainda cospem  
na minha sombra, outra guerra vai crescendo  
por outra razão e eu mal consigo arranjar trabalho agora  
pelo mesmo motivo que não arranjava outrora:  
eu não sei nada, eu não sei fazer  
nada.

sexo? bem, só as do costume é que ainda me batem  
à porta depois da  
meia-noite. não consigo dormir e elas vêem a luz acesa  
e ficam  
curiosas.

as do costume. os maridos já não as querem,  
os filhos partiram e se me mostrarem quanto baste  
de uma boa  
perna (as pernas são as últimas a estragar-se)  
vou para a cama com  
elas.

as gajas do costume trazem-me amor e eu fumo-lhes  
os cigarros  
enquanto elas  
falam falam falam  
e depois vamos outra vez para a cama e  
*eu dou-lhes* amor  
e elas sentem-se bem e  
falam  
até ao nascer do sol  
depois  
dormimos.

é um Paris  
do caraças.



## para marilyn m.

vestindo-te de cinzas luminosas,  
alvo de lágrimas de baunilha  
o teu corpo firme acendeu velas para homens  
em noites escuras,  
e agora a tua noite é mais escura  
que o alcance da vela  
e vamos esquecer-te, de certa forma,  
e isso não é simpático  
mas há corpos reais mais próximos  
à medida que os vermes anseiam pelos teus ossos,  
adoraria dizer-te  
que isto acontece aos ursos e aos elefantes  
aos tiranos e aos heróis e às formigas  
e aos sapos,  
ainda assim, deste-nos algo,  
uma pequena vitória,  
e por isso digo: ótimo  
e não nos lamentemos mais;  
como a flor seca jogada fora,  
esquecemos, lembramos,  
esperamos. criança, criança, criança,  
ergo o copo um minuto inteiro  
e sorrio.

## porque eles tinham coisas a dizer

os canários estavam ali, e o limoeiro  
e a velha com verrugas;  
e eu estava ali, era uma criança  
e tocava nas teclas do piano  
enquanto falavam –  
mas não muito alto  
porque eles tinham coisas a dizer,  
eles os três;  
e eu vi-os a cobrir os canários à noite  
com sacos de farinha:  
«é para eles conseguirem dormir, meu querido.»

toquei piano baixinho  
uma nota de cada vez,  
os canários debaixo dos sacos,  
e havia aroeiras,  
aroeiras que roçavam o telhado como chuva  
com os seus ramos pendurados do lado de fora  
das janelas  
como chuva verde,  
e falavam, os três  
sentados no semicírculo de uma noite quente,  
e as teclas eram pretas e brancas  
e respondiam aos meus dedos  
como a magia confinada  
dentro de um mundo de adultos à minha espera;  
e agora estão mortos, os três  
e eu estou velho:

pés de pirata palmilharam  
o chão de colmo limpo  
da minha alma,  
e os canários não cantam mais.

# «se não rebentar de dentro de ti a despeito de tudo, não o faças.»

CHARLES BUKOWSKI

O legado poético de Bukowski, além de implacável, visceral e transgressor, é incontornável. Em todos os seus escritos, o génio atormentado e marginal de Henry Charles Bukowski, gerador de alguma da poesia mais marcante da literatura contemporânea, comete a proeza de identificar e isolar pontos de luz indefectíveis nos quotidianos mais negros, nas experiências de vida mais sombrias.

É inegável a sedução que a autenticidade dos seus poemas exerce sobre nós, leitores e espectadores das entranhas de uma vida como ela também pode ser, admiradores da força da vida, da morte, do sexo. Por isso, Bukowski é mais do que um fenómeno — é um escritor essencial.

Seleccionado e prefaciado por Valério Romão, *Os cães ladram facas* recupera essa violência graciosa que só a poesia concretiza e assume-se como a antologia poética de Charles Bukowski que faltava em português.



«Das muitas histórias de que se compõe a incrível biografia de Bukowski, só dez por cento são mentira, como diria Manoel de Barros. E Bukowski em nada contribuiu para desmistificar algumas delas. Pelo contrário.

O que sempre lhe interessou foi o tom, a forma, e não a tão implacável como estéril adequação factual. E, quando lemos os livros de Bukowski, e a sua biografia, nada parece inverosímil ou inadequado. Porque, se não aconteceu, podia ter acontecido.»

VALÉRIO ROMÃO, do Prefácio



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 @penguinlivros  
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897847370



9 789897 847370 >